

03. A LEITURA COMO PRÁTICA SOCIAL E AQUISIÇÃO DA CULTURA NA ESCOLA¹

Eunice Nóbrega Portela²

Ismênia Pereira da Costa Santana³

RESUMO

O ato de ler é o processo de construir significado a partir do texto. Para isso o leitor utiliza na leitura seus conhecimentos prévios, seus saberes linguístico e textual e o conhecimento de mundo. Desde modo, é a partir da interação desses conhecimentos que se consegue construir o sentido do texto. Mas, a partir do momento em que se tem consciência que um dos grandes problemas da educação brasileira é que muitos alunos chegam à vida adulta sem desenvolver as habilidades básicas para ler e o gosto pela leitura, torna-se necessária e urgente uma reflexão sobre a finalidade da leitura que será enfocada neste estudo sob dois aspectos: leitura como prática social e práticas de leitura na escola. Tendo, como meta mostrar que ambas estão diretamente inter-relacionadas e que se constituem através das modalidades de diálogo do sujeito leitor com os sentidos que se estabelecem por meio de suas leituras de mundo.

PALAVRAS-CHAVE: LEITOR. LEITURA. SUJEITO-LEITOR. CULTURA. PRÁTICA SOCIAL

ABSTRACT

The act of reading -in this research- that not only the decoding of the written message but also the reading of the world in which it is inserted is a social practice that is present in the lives of all people, are aware of this fact or not. This is because,

¹ © Todos os direitos reservados. A Editora JRG e a Revista JRG de Estudos Acadêmicos não se responsabilizam pelas questões de direito autoral deste artigo, sendo os autores do mesmo os responsáveis legais. Créditos: este artigo contou com a revisão linguística dos próprios autores e com a diagramação do professor Daniarly da Costa.

² Pós- Doutorado em Psicanálise, Doutora em Educação pela Universidade de Brasília, Mestre em Educação pela Universidade Católica de Brasília, Especialista em Orientação Educacional, Administração Escolar, Psicopedagogia Clínica e Institucional. Pesquisadora, Escritora, Professora Universitária e Empresária.

³ Mestre em Literatura Brasileira; especialização em Literatura Brasileira; especialização em Códigos e Linguagens com ênfase no Ensino Médio e graduação em Letras Português e Respectiva Literatura ambos realizados na Universidade de Brasília. Tem experiência na área de Educação.

in essence, reading is one of the processes that makes possible the participation of man in life in society, because reading is to participate more actively and critically in human relations. Thus, reading as social practice and reading practices in the school are actions that are directly related, since both constitute through the modes of dialogue of the subject-reader with the senses of construction and reconstruction present in the text the essential condition for the constitution of autonomy of the subject.

KEYWORDS: READER. READING. SUBJECT-READER. CULTURE. SOCIAL PRACTICE

INTRODUÇÃO

Pode-se afirmar que o ato de ler é o processo de construir significado a partir do texto. Para isso o leitor utiliza na leitura seus conhecimentos prévios, seus saberes linguísticos e textuais e o conhecimento de mundo. Desde modo, é a partir da interação desses conhecimentos que se consegue construir o sentido do texto.

Mas, a partir do momento em que se tem consciência que um dos grandes problemas da educação brasileira é que muitos alunos chegam à vida adulta sem desenvolver as habilidades básicas para ler e o gosto pela leitura, torna-se necessária e urgente uma reflexão sobre a finalidade da leitura que será enfocada neste estudo sob dois aspectos: leitura como prática social e práticas de leitura na escola. Tendo, como meta mostrar que ambas estão diretamente inter-relacionadas e que se constituem através das modalidades de diálogo do sujeito leitor com os sentidos que se estabelecem por meio de suas leituras de mundo.

Compreende-se a leitura literária como elemento de aquisição da autonomia do sujeito, porque a leitura dialógica de uma obra literária proporciona ao indivíduo um contato com diversas realidades, com a vida cotidiana, que nem sempre é percebida criticamente devido ao acúmulo de informações muitas vezes condicionadas para um determinado fim. A obra literária traz dentro de si o mundo, ou melhor, oferece uma abertura para o desenvolvimento de novas maneiras de percebê-lo. As palavras de um texto literário estão cheias de sentido que ultrapassam o significado contido no léxico e vão buscar o real sentido no seu contexto. Deste modo, para que se alcance a autonomia na leitura literária é

necessário que o leitor e o texto dialoguem não apenas com palavras, mas com percepções e com sentidos colhidos do próprio mundo no qual se está imerso.

Nessa perspectiva é que este trabalho buscará mostrar a importância da interação entre a leitura dialógica, de leitura literária e de leitura de mundo como elemento de possibilidades de o leitor resgatar seu próprio discurso e tornar-se indivíduo autônomo e neste percurso, entende-se que a escola é o espaço privilegiado para constituição e aquisição desta capacidade.

Deste modo, pretende-se trilhar uma linha de pesquisa abordando o processo linguísticos e social da leitura tendo como pilares as concepções de Mikhail Bakhtin, por entender a obra literária como um espaço de convergência das diversas vozes sociais e dos diversos discursos produzidos nas relações e nos espaços sociais; Paulo Freire, Maria Helena Martins, Marisa Lajolo e Irandé Antunes são nomes importantes que constituíram o referencial teórico.

A LEITURA COMO PRÁTICA SOCIAL

Etimologicamente o conceito de **ler** segundo o Dicionário Aurélio (2001) é: do latim *“legere” – percorrer com a vista (o que está escrito) proferindo ou não as palavras, mas conhecendo-as; decifrar e interpretar o sentido; ver e estudar (coisas escritas)*. Sem dúvida, o ato de ler é usualmente relacionado com a escrita, e o leitor visto como decodificador da letra, porém com a pretensão de ampliar estes limites, pretende-se trabalhar com o sentido de decifração e interpretação do sentido relacionando a prática de leitura sempre como um meio e nunca como um fim.

Normalmente, o conceito de leitura é dado pela simples capacidade do leitor em decodificar sinais gráficos. A leitura, no entanto, abrange um processo bem mais amplo do que a mera decodificação de significantes em significados.

Neste sentido, Martins (1982) enfatiza que a leitura é um processo que acompanha as pessoas desde o nascimento, pois se aprende a ler, não do modo que comumente é conhecido, mas sim, vivendo. Mesmo antes de aprender a falar, a criança já faz escolhas. Essas escolhas são possíveis pelo processo de seleção elaborado por ela a partir de sua “leitura de mundo”. Quando a criança decide de quem gostar, ao perceber quem pode alimentá-la, quem pode protegê-la, está usando, inconscientemente, processos de leitura. A partir disso, pode-se afirmar que, ler é dar sentido às coisas, é saber relacionar-se com lógica dentro do cotidiano.

Na verdade, o leitor preexiste a descoberta do significado das palavras escritas; foi se configurando no decorrer das experiências de vida, desde as mais elementares e individuais às oriundas do intercâmbio de seu mundo pessoal e o universo social e culturalmente circundante. (MARTINS, 1982, p. 17)

Dentro de um contexto bem mais específico, o escolar, Antunes (2004) conceitua a leitura como uma atividade de acesso ao conhecimento produzido, ao prazer estético e, ainda, uma atividade de acesso às especificidades da escrita. Nesse sentido, a atividade da leitura favorece, num primeiro plano, a ampliação dos repertórios de informação do leitor. Na verdade, por ela, o leitor pode incorporar novos conceitos, dados e ideias, ou seja, novas e diferentes informações acerca das coisas, pessoas, acontecimentos e do mundo em geral.

Ter acesso à palavra escrita representa a possibilidade de dominar um instrumento de poder chamado linguagem formal. É nessa linguagem formal que, em qualquer país, estão escritos os códigos, as leis, os regimentos, os ensaios científicos – tudo, enfim, que faz parte da organização e do funcionamento dos grupos. Daí o caráter de exclusão do analfabetismo: ele priva as pessoas de um tipo particular de informação. (ANTUNES, 2004, p. 76).

Esclarece ainda, a referida autora que a leitura possui além do seu caráter de ampliação dos repertórios de informação, outras importantes funções como a chamada leitura de fruição. Esta leitura possibilita a experiência gratuita do prazer estético, do ler pelo simples gosto de ler. Para admirar, para deleitar-se com as ideias e imagens criadas, sem cobranças ou preocupações de qualquer prestação de contas. Sendo justamente neste plano, da leitura de fruição, que encontramos os textos literários e poéticos.

Em suma, a leitura, favorece o processo de formação global do indivíduo e possibilita a sua capacitação para o convívio e atuação social, política, econômica e cultural.

ALGUMAS CONCEPÇÕES SOBRE A LEITURA

Assim como Martins (1982), Lajolo (2006) enfatiza que ninguém nasce sabendo ler: aprende a ler à medida que se vive. Assim, se ler livros geralmente se aprende na escola, outras leituras se aprendem por aí, na chamada escola da vida. Estas leituras de mundo independem da aprendizagem formal e se perfazem na interação cotidiana com o mundo das coisas e dos outros.

Do mundo da leitura a leitura do mundo, o trajeto se cumpre sempre, refazendo-se, inclusive, por um vice-versa que transforma a leitura em prática circular e infinita. Como fonte de prazer e de sabedoria, a leitura não esgota seu poder de sedução nos estreitos círculos da escola (LAJOLO, 2006, p. 7).

Sob esta perspectiva, a apropriação dos elementos pertencentes ao contexto que nos cerca é o que constitui nos sujeitos suas primeiras referências de leitura, o que Paulo Freire (1998) denominou de “leitura de mundo”. E a valorização destes conhecimentos prévios, desta bagagem cultural do leitor, ou seja, esta leitura de mundo se caracteriza como um dos elementos essenciais na constituição do sujeito leitor: o diálogo do leitor com o objeto lido – seja escrito, sonoro, um gesto, uma imagem ou um acontecimento.

Deste modo, a partir deste diálogo, ou dialogia como nos diz Bakhtin (1992), o leitor assume um papel atuante, deixa de ser um mero decodificador ou receptor passivo. E a partir daí, começa a estabelecer pontes significativas entre o conhecimento prévio e o saber adquirido.

A velha casa, seus quartos, seu corredor, seu sótão, seu terraço – o sítio das avencas de minha mãe –, o quintal amplo em que se achava, tudo isso foi o meu primeiro mundo. Nele engatinhei, balbuciei, me pus de pé, andei, falei. Na verdade, aquele mundo especial se dava a mim como o mundo de minha atividade perceptiva, por isso mesmo como o mundo de minhas primeiras leituras. (FREIRE, 1988, p.12 - 13).

Assim, aprender a ler significa também aprender a ler o mundo, dar sentido a ele e a nós próprios. Em suma, a leitura vai, portanto além do texto e começa antes do contato com o mesmo. Neste enfoque Martins (1982, p.17) enfatiza que...

Quando começamos a organizar os conhecimentos adquiridos, a partir das situações que a realidade impõe e da nossa atuação nela; quando começamos a estabelecer relações entre as experiências e a tentar resolver os problemas que se nos apresentam - aí estamos procedendo leituras, as quais nos habilitam basicamente a ler tudo e qualquer coisa.

Neste sentido, o sujeito-leitor encontra-se habilitado não só a compreender e conviver melhor no mundo, mas até a modificá-lo à medida que incorpora experiências de leitura, ou seja, à medida que concebe a leitura como um gesto de tomada de consciência de si mesmo e do mundo.

LEITURA E CIDADANIA

De acordo com Barroso (2006), no universo da globalização, a escola pode torna-se uma das instituições mais significativas para o processo de formação e construção da autonomia do indivíduo enquanto ser humano e enquanto cidadão. Neste sentido, conviver com a realidade da sociedade global exige dos indivíduos, mais que em qualquer outro momento, a condição de cidadão pleno, consciente dos direitos e deveres individuais e sociais, ou seja, capaz de reconhecer a si mesmo e ao outro.

Isto ocorre porque nas sociedades pós-modernas, o conceito de cidadania ultrapassa os ideais de um sujeito preñado de direitos e deveres. A ideia de cidadania, atualmente, exige um sujeito voltado para as causas coletivas, em que valores éticos-políticos-sociais passam a também a base do pensamento cidadão. (BARROSO, 2006, p. 22).

Entende-se que a escola no contexto da globalização é desnecessária enquanto depósito de conhecimentos, mas é fundamental enquanto possibilitadora de percepções e intervenções nos meios sociais.

Nesse contexto, afirma Barroso (2006) que algumas questões se evidenciam, entre elas: como discutir os processos de criação, produção, circulação e recepção da literatura numa sociedade reificada onde valores como humanidade, autenticidade, reflexão e criação, próprios do universo humano e da expressão, estão comprometidos pela razão utilitarista e pelo embotamento dos sentidos? Qual é a importância da literatura para os sujeitos sociais nesse contexto? A literatura pode contribuir para a autonomia, no sentido de consciência crítica do cidadão nas sociedades globalizantes? Quais são as relações entre a leitura da literatura e a construção das identidades sociais e individuais? Qual é a função da escola no processo de intermediar as experiências de leitura da literatura nesse universo?

Levantar tais questionamentos não significa propriamente a possibilidade de encontrar respostas para todos eles, mas demonstra as angústias diante da situação humana de paralisia na qual nos encontramos. Revela também a pré-disposição de entender e discutir a criação literária como um importante aliada no processo de representar e fazer pensar a vida social e individual no mundo contemporâneo, a partir de uma leitura crítica e consciente, mediada pela prática pedagógica realizada na escola. Para tanto, faz-se necessário a compreensão de que pensar a literatura, enquanto prática pedagógica é também pensar a sociedade na qual vivemos, e as relações estabelecidas entre arte literária e o mundo social e individual do leitor.

Assim, a compreensão das relações estabelecidas entre literatura e sociedade torna-se aspectos centrais nesta discussão.

Assim, a literatura enquanto instituição social viva tem que ser entendida como um processo. Processo histórico, político e filosófico; semiótico, linguístico; individual e social, a um só tempo. Neste contexto, o ato de ler é um fenômeno de encontro do homem com a materialização da linguagem que poderá ocorrer de diversas formas além da escrita. Ler não é uma habilidade que o indivíduo adquire isoladamente, muito pelo contrário, ler é uma habilidade que se adquire passando por um aprendizado, e é aí que reside sua natureza social. Deste modo, segundo Machado (2007) “a leitura passa por um processo que une a escrita enquanto um sistema e a alfabetização enquanto um processo para a aquisição da habilidade de ler. E esses dois fenômenos se encontram no ambiente em que a escrita é socializada, ou seja, a escola.” (MACHADO, 2007, p. 78). Mas em contrapartida, sabe-se que a leitura não se adquire somente na escola, pois como afirma Paulo Freire “a leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade de leitura daquele.” (FREIRE, 1988, p. 11 - 12).

E como afirma Martins (1982, p. 34)

Aprender a ler significa também aprender a ler o mundo, dar sentido a ele e a nós próprios, o que, mal ou bem, fazemos mesmos sem ser ensinados. A função do educador não seria precisamente a de ensinar a ler, mas a de criar condições para o educando realizar a sua própria aprendizagem, conforme seus próprios interesses, necessidades, fantasias, segundo as dúvidas e exigências que a realidade lhe apresenta. Assim, criar condições de leitura não implica apenas alfabetizar ou propiciar acesso aos livros. Trata-se, antes, de dialogar com o leitor sobre a sua leitura, isto é, sobre o sentido que ele dá, repito, a algo escrito, um quadro, uma paisagem, a sons imagens, coisas, ideias, situações reais ou imaginárias.

Neste sentido, a ideia de leitura se amplia, de forma que se lê não apenas palavras, mas sim contextos. Antes de se ensinar a ler é preciso que a pessoa aprenda a ler o mundo a sua volta, seus vários elementos constitutivos, suas imagens e suas mensagens subentendidas.

A PRÁTICA DE LEITURA NA ESCOLA

Sabemos que a sociedade do consumo, das imagens e da velocidade aliada a outros fatores característicos da sociedade local, tais como o analfabetismo, a falta de condições para a aquisição de livros e, principalmente, a ausência de uma

tradição de leitura, são fatores que não contribuem para a permanência da leitura no mundo atual, por isso, a compreensão de ser a instituição escolar local privilegiado para que práticas de leitura efetivamente ocorram.

Muitos alunos talvez não tenham muitas oportunidades, fora da escola, de familiarizar-se com a leitura; talvez não vejam muitos adultos lendo, talvez ninguém lhes leia livros com frequência. A escola não pode compensar as injustiças e as desigualdades sociais que nos assolam, mas pode fazer muito para evitar que sejam acirradas em seu interior. Ajudar os alunos a ler, a fazer com que se interessem pela leitura, é dotá-los de um instrumento de aculturação e de tomada de consciência cuja funcionalidade escapa dos limites da instituição. (SOLE, 2002, p 65).

Ler como qualquer aprendizagem requer dedicação: por isso os alunos devem ter a oportunidade de encarar o livro como um desafio interessante que abrirá portas, não só para o conhecimento, mas também para o entretenimento e a diversão. Assim, torna-se necessário que os professores ajudem os alunos a descobrirem nos textos sua face mais pessoal e prazerosa, sua dimensão mais encantadora e envolvente. E para que isso se efetive de fato, a prática de leitura na escola não deve ser uma atividade extra – quando sobra tempo – ao contrário, a leitura precisa ocupar o horário nobre da aula.

Segundo Lajolo (2006), a discussão sobre leitura, principalmente sobre a leitura numa sociedade que pretende democratizar-se, começa dizendo que os profissionais mais diretamente responsáveis pela iniciação na leitura devem ser bons leitores, pois a formação de bons leitores exige familiaridade com grande número de textos. E se os professores não forem leitores, dificilmente poderão compartilhar e principalmente despertar em seus alunos os encantos, mistérios e alegrias que só podem ser alcançados pela leitura. Deste modo “a literatura constitui modalidade privilegiada de leitura, em que a liberdade e o prazer são virtualmente ilimitados”. A leitura de textos constitui um ponto de encontro entre um autor e um leitor, no qual o leitor reconstrói ativamente o significado do texto, com base nas pistas ou chaves que este lhe oferece e em seus conhecimentos prévios sobre os assuntos tratados nele.

Ler é adentrar outros mundos possíveis. É questionar a realidade para compreendê-la melhor, é distanciar-se do texto e assumir uma postura crítica frente ao que de fato se diz e ao que se quer dizer, é assumir a cidadania no mundo da cultura escrita. (LERNER, 1996, p 2).

Mas devido à ausência de uma tradição de leitura no âmbito da sociedade local, a escola tem sido uma das principais instituições responsáveis por difundir a

literatura nos meios sociais. Entretanto, pode-se perceber que o caráter de saber institucionalizado atribuído à arte literária, tem dificultado a vivência do texto literário enquanto algo preenchido pelo prazer, pela fruição ou pela criticidade, ou seja, a tríade literatura leitura e escola, segundo o constatado em vários estudos sobre o assunto, vêm, quase sempre, descaracterizando a relação esperada entre o leitor e o texto literário.

Neste sentido, afirma Antunes (2003) que reduzir o texto literário a objetos de análise sintática ou pretexto para exercícios ortográficos “é uma espécie de profanação, pois é esvaziá-los de sua função poética e ignorar a arte que se pretendeu com o arranjo diferente de seus elementos linguísticos” (Antunes, 2003, p. 72). Porque o que se espera ao trabalhar com textos literários é despertar a atenção do aluno para aspectos como: a intertextualidade, as figuras de linguagem, os recursos semânticos e fônicos, as imagens possibilitadas pelos sentidos do texto e para as diversas vozes presentes também no texto. É aí que reside a dialogia tão necessária entre leitor e texto.

DIALOGIA: TEXTO – LEITOR

Não se pode falar em dialogia, sem antes citar o autor desta expressão: Mikhail Bakhtin, um dos maiores pensadores do século XX e um teórico fundamental da língua. Em seu livro *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (1992) está sua teoria da linguagem e do dialogismo. Neste sentido, dialogismo, pode ser conceituado como a interação entre o leitor com o texto através de sua experiência, sua vivência, ou seja, é onde se encontra um sujeito com o outro através dos sentidos construídos através do texto. Bakhtin (1992) concebe a linguagem não só como um sistema abstrato, mas também como uma criação coletiva, integrante de um diálogo cumulativo entre o “eu” e o “outro”, entre muitos “eus” e muitos “outros”.

Segundo Almeida (1999), a leitura como processo dialógico retoma uma visão global de texto, uma vez que a partir de sua contextualização social e histórica. O dialogismo propõe uma nova leitura do homem, da linguagem e da sociedade e a leitura da literatura como processo dialógico, toma a palavra sempre como propriedade de um outro e, portanto, como situada num determinado contexto, numa determinada enunciação.

Ler é um modo não só de conhecer, mas também de praticar a cultura no seu sentido *lato*. Ao ler, o leitor ocupa-se efetivamente com os pensamentos dos outros. Traz para o primeiro plano algo diferente dele, é um momento em que vivencia a alteridade como se fosse ele mesmo. Por esse lado, a relação entre os dois sujeitos – leitor e o texto – é dialógica. (ALMEIDA, 1999, p. 87)

Em resumo o dialogismo é o diálogo com o mundo, com o outro e com você mesmo. E é justamente a partir desta noção de diálogo entre autor e leitor e entre leitor e contexto e pela identificação das diferentes vozes presentes em texto que se constitui a noção de sujeito crítico e autônomo tão discutido nos Parâmetros Curriculares Nacionais.

OS PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS – PCNS

Os Parâmetros Curriculares Nacionais –PCNs- são propostas de referenciais curriculares do Ministério da Educação. De acordo com Silva (2004), a proposta curricular dos PCNs constitui-se em uma tentativa de reformular a estrutura educacional brasileira para atender à demanda de um mundo do conhecimento tecnológico e da informação, onde há um acelerado desenvolvimento de novas tecnologias e uma rápida difusão destas no contexto mundial. Assim, os PCNs propõem uma educação socialmente contextualizada, com uma aprendizagem significativa que forma cidadão aptos a participarem ativamente dessa nova realidade pós-moderna.

Na proposta curricular dos PCNs, o enfoque das práticas pedagógicas muda em relação às tradicionais. Não mais estão centradas em metodologias de ensino ou nos conteúdos a serem ministrados, mas, sim no processo de aprendizagem e desenvolvimento de habilidades e competências dos alunos. Neste sentido, os PCNs objetivam uma aprendizagem significativa, em que os sujeitos-alunos se tornem aptos a lidar com as mais variadas situações sociais e discursivas e se posicionar frente a elas.

Nos PCNs encontramos uma proposta curricular que visa obter uma integração de campos de conhecimento e experiências que possibilitam uma compreensão mais reflexiva e crítica da realidade, compreendendo processos de produção, organização e transformação do conhecimento, bem como as dimensões éticas inerentes a essa tarefa. Nessa abordagem, o ato de ler atravessa todo o processo de aquisição do conhecimento cognitivo e de construção do sujeito que interage no contexto social. (SILVA, 2004, p. 34/35).

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998), o trabalho com leitura tem como finalidade a formação de leitores competentes e, conseqüentemente, a formação de escritores, pois a possibilidade de produzir textos eficazes tem sua origem na prática de leitura, espaço de construção da intertextualidade e fonte de referências modelizado. Neste contexto, um leitor competente só pode constituir-se mediante uma prática constante de leitura de textos de fato, a partir de um trabalho que deve se organizar em torno da diversidade e textos que circulam socialmente.

Assumir a tarefa de formar leitores impõe à escola a responsabilidade de organizar-se em torno de um projeto educativo comprometido com a intermediação da passagem do leitor de textos facilitados (infantis ou infanto-juvenis) para o leitor de textos de complexidade real, tal como circulam socialmente na literatura e nos jornais; do leitor de adaptações ou de fragmentos para o leitor de textos originais e integrais. (PCNs, 1998, p. 70)

Afirma Silva (2004) que exercer a leitura crítica é uma condição básica para o exercício pleno da cidadania. Pois, é pela leitura crítica que o sujeito abala o mundo das certezas, dinamiza os conflitos, organiza sínteses. Assim, a leitura não é apenas uma estratégia do planejamento escolar, mas uma forma de inserção do sujeito no mundo, e nas práticas sociais e discursivas. Deste modo, os Parâmetros Curriculares Nacionais falam de uma prática de leitura não como exercício mecânico ou obrigação social, mas como atendimento de necessidades. E supõe uma leitura dentro de um processo contínuo de constituição de sentidos, por meio, entre outros aspectos, das referências intertextuais. Assim, pode-se afirmar que através do contato que a intertextualidade proporciona com as várias vozes presentes no texto, forma-se a criticidade de um leitor.

Neste contexto, os Parâmetros Curriculares Nacionais defendem uma prática de leitura onde interpretar/compreender seja mais do que adquirir um novo modelo de código escrito e represente, sim, um engajamento em novos mundos criados pelo texto. Porém, ao falar em ensino de leitura não se deve desmerecer os conhecimentos de mundo trazidos pelos alunos, ao contrário, deve-se reconhecer e valorizá-los, pois deste modo, também estará se reconhecendo o contexto social em que estes alunos estão inseridos.

Assim, através de um processo progressivo de aprendizagem, o aluno irá constituindo-se como sujeito, a partir, das várias leituras e da capacidade de compreendê-las. E como nos diz Silva (2004, p. 38):

E, nesse movimento, será capaz de posicionar-se como leitor crítico, produzindo seus próprios textos (discursos) nas diversas situações de interlocução, ou seja, o sujeito-leitor que os Parâmetros Curriculares Nacionais pretende constituir na escola é um ser reflexivo que diante dos sentidos dados *a priori* saiba usar todo o seu conhecimento prévio de mundo para compreender, perceber como um objeto simbólico produz sentidos, e mais, saber como as interpretações funcionam em diferentes situações de práticas sociais e discursivas.

Em suma, é na interação com o outro, por meio dos textos que o sujeito-leitor constrói uma identidade fortalecida capaz de exercer plenamente sua cidadania, sendo capaz de ler não somente o real escrito, mas de ler as possibilidades que as entre linhas oferecem.

O LEITOR DO ENSINO MÉDIO

De acordo com Barroso (2006) ao ingressar no ensino médio, o aluno não é um leitor maduro capaz de vivenciar de forma interativa as experiências de leituras exigidas nos cursos secundaristas, quase sempre, centradas nos clássicos da Literatura Brasileira. Esta imaturidade muitas vezes é consequência das experiências de leituras desenvolvidas nas séries que antecedem ao ensino médio.

A este respeito as Orientações Curriculares para o Ensino Médio na área de “Linguagem, Códigos e suas Tecnologias” (2006, p. 61) enfatizam que:

Quando se focaliza a leitura literária dentro do ensino da Literatura no ensino médio, evidencia-se a questão da passagem de um nível de escolaridade a outro, muitas vezes não mencionada. O ensino da Literatura no ensino fundamental, e aqui nos interessa de perto o segundo segmento dessa etapa da escolaridade (da 5ª à 8ª série), caracteriza-se por uma formação menos sistemática e mais aberta do ponto de vista das escolhas, na qual se misturam livros que indistintamente denominamos “literatura infanto-juvenil” a outros que fazem parte da literatura dita “canônica”, legitimada pela tradição escolar, inflexão que, quando acontece, se dá, sobretudo nos últimos anos desse segmento (7ª ou 8ª série).

Afirmam as Orientações Curriculares do Ensino Médio (2006) que embora haja uma relativa preocupação, sobretudo nas séries finais do Ensino Fundamental, de inclusão do repertório de obras consagradas e consideradas mais difíceis, as práticas escolares de leitura literária têm mostrado que os alunos do Ensino Fundamental iniciam sua formação pela literatura infanto-juvenil, em propostas ficcionais nas quais prevalecem modelos de ação e de aventuras. Os livros para jovens dessa vertente editorial representam, como se sabe, grande fatia do mercado brasileiro, movimentada, sobretudo, pelas demandas escolares.

Ainda de acordo com o referido documento, constata-se, de maneira geral, na passagem do Ensino Fundamental para o Ensino Médio, um declínio da experiência de leitura de textos ficcionais, seja de livros da literatura infanto-juvenil, seja de alguns poucos autores representativos da Literatura Brasileira selecionados, que aos poucos cede lugar à história da literatura e seus estilos. No lugar da experiência estética, ocorre a fragmentação de trechos de obras ou poemas isolados, considerados exemplares de determinados estilos, prática que se revela um dos mais graves problemas ainda hoje recorrentes.

Concluído o Ensino Fundamental, supõe-se que os alunos que ingressam no Ensino Médio já estejam preparados para a leitura de textos mais complexos da cultura literária, que poderão ser trabalhados lado a lado com outras modalidades com as quais estão mais familiarizados, como o *hip-hop*, as letras de músicas, os quadrinhos, o cordel, entre outras relacionadas ao contexto cultural menos ou mais urbano em que tais gêneros se produzem na sociedade. (Orientações Curriculares para o Ensino Médio, 2006. p, 63).

Nesse sentido, as dificuldades demonstradas com o manuseio de uma linguagem mais complexa ou o distanciamento da realidade histórica e social representada nos textos, dificultam o preenchimento dos vazios contidos na obra e, portanto, a concretização de sentidos na consciência do aluno-leitor não se realiza efetivamente.

Esclarece Barroso (2006) que para o sujeito-leitor conseguir preencher os espaços vazios para que os mesmos possam constituir sentidos, torna-se importante que o texto literário não seja totalmente alheio às vivências do leitor. Mas, ao mesmo tempo em que deve se identificar com a realidade do leitor, a leitura de um texto deve também provocar o estranhamento no receptor, pois a literatura tem como função, além de acionar os horizontes do leitor, despertar novos horizontes em que lê. No que se refere à literatura pode-se dizer que a mesma é uma arte de caráter essencial, pois ela nos permite uma experiência inigualável em que a emoção e a razão se misturam no prazer estético. No processo educacional a utilização de textos literários tem sido um dos caminhos para se chegar à fórmula mágica do ensino eficaz. Nessa viagem, muito se tem feito, muitos projetos realmente interessantes de leitura têm sido desenvolvidos para que os alunos possam, através de textos literários adquirir cultura, enriquecer seu vocabulário e ampliar sua visão de mundo.

E como afirma Lajolo (2006, p.106)

É à literatura, como linguagem e como instituição, que se confiam os diferentes imaginários, as diferentes sensibilidades, valores e comportamentos através dos quais uma sociedade expressa e discute, simbolicamente, seus impasses, seus desejos, suas utopias. Por isso a literatura é importante no currículo escolar: o cidadão, para exercer plenamente sua cidadania, precisa apossar-se da linguagem literária, alfabetizar-se nela, torna-se seu usuário competente, mesmo que nunca vá escrever um livro: mas porque precisa ler muito.

Lastimavelmente, porém, sabe-se que muitas vezes, os textos literários são utilizados como pretextos para exercícios de ortografia ou reduzidos a objetos de análise sintática, entre outros aspectos, sendo assim, esvaziados de sua função poética e metafórica e minando no aluno a possibilidade de estabelecer uma articulação e uma apropriação do texto com seus conhecimentos de mundo.

Desta forma, objetivando mudar “esta triste realidade, ” afirma Tinoco (2006) que ler com eficiência um texto literário é voluntariamente, afastar-se do mundo externo a este texto, é apreendendo todas as possibilidades de falas, cores, imagens e olhares, perceber a necessidade de uma opção em assumir o sofrimento prazeroso de querer saber mais, de ampliar o sentido de prazer, de beleza artística.

Paradoxal em si, o ato de leitura mescla prazer e dor; noção de quem se é e a noção do que o mundo deveria ser, e não é. Paradoxal e dialética, a leitura de uma dada “realidade literária” se traveste em utopia e o leitor, entre temeroso e ousado, segue em seus passeios pelos caminhos oblíquos da poesia, do romance, do conto, caminhos construídos na leitura da técnica, da forma, enfim, do mistério indescritível da descoberta. (TINOCO, 2006, p. 207)

Em suma, segundo o referido autor, ler literatura é se assumir como sujeito-leitor, renovado pela própria condição de querer saber mais, tendo prazer nisso. Neste sentido, pode-se afirmar que a obra literária traz dentro de si o mundo, ou melhor, oferece uma abertura para o desenvolvimento de novas maneiras de percebê-lo.

METODOLOGIA

É válido ressaltar que este trabalho foi elaborado através de uma pesquisa qualitativa que buscou referenciais teóricos os quais fundamentassem o conceito de leitura, literatura e dialogia como elementos de constituição de indivíduos verdadeiramente autônomos.

A pesquisa ocorreu por meio de questionários aplicados em uma turma do 2º ano do Ensino Médio do turno noturno em um colégio da rede pública de ensino na cidade satélite do Gama – Distrito Federal.

Neste sentido, após os esclarecimentos iniciais sobre a natureza do trabalho, foi solicitada a participação voluntária e individual destes alunos no preenchimento dos questionários, compostos de 12 (doze) questões, sendo 09 (nove) objetivas e 03 (três) discursivas. Por intermédio desses itens, tentou-se contemplar alguns aspectos que foram considerados relevantes para se propor esta reflexão a respeito da recepção das práticas de leitura e do letramento literário no Ensino Médio, tendo o aluno como eixo central, ou seja, o sujeito portador destas informações.

As questões apresentadas aos alunos centram-se: no gosto dos alunos pela leitura e quais os gêneros mais apreciados; na receptividade às práticas de leitura e à leitura literária; nas condições dos alunos enquanto leitores e na importância da literatura no contexto pessoal.

ANÁLISES DOS DADOS

Para facilitar a exposição dos dados, procurou-se agrupar as questões objetivas nas quais só havia duas opções de respostas e as demais com múltiplas opções foram apresentadas individualmente e das questões discursivas procurou-se observar as respostas com maior índice de semelhança, para assim compor um perfil por aproximação.

Inicialmente no primeiro gráfico, estão agrupadas as perguntas nas quais havia duas opções de respostas, sendo elas:

Você gosta de ler?
Você tem livros de literatura em casa?
Quando você lê o fragmento de um texto literário em seu livro didático, sente-se impulsionado a ler o texto na íntegra?
Você se considera um bom leitor?
Você demonstra facilidade em assimilar/entender/interpretar tudo o que lê?
Você acredita que a escola consiga ser um bom motivador para práticas de leitura?

Deste modo, num universo de 28 (vinte e oito) alunos participantes da pesquisa, obtiveram-se os seguintes dados:

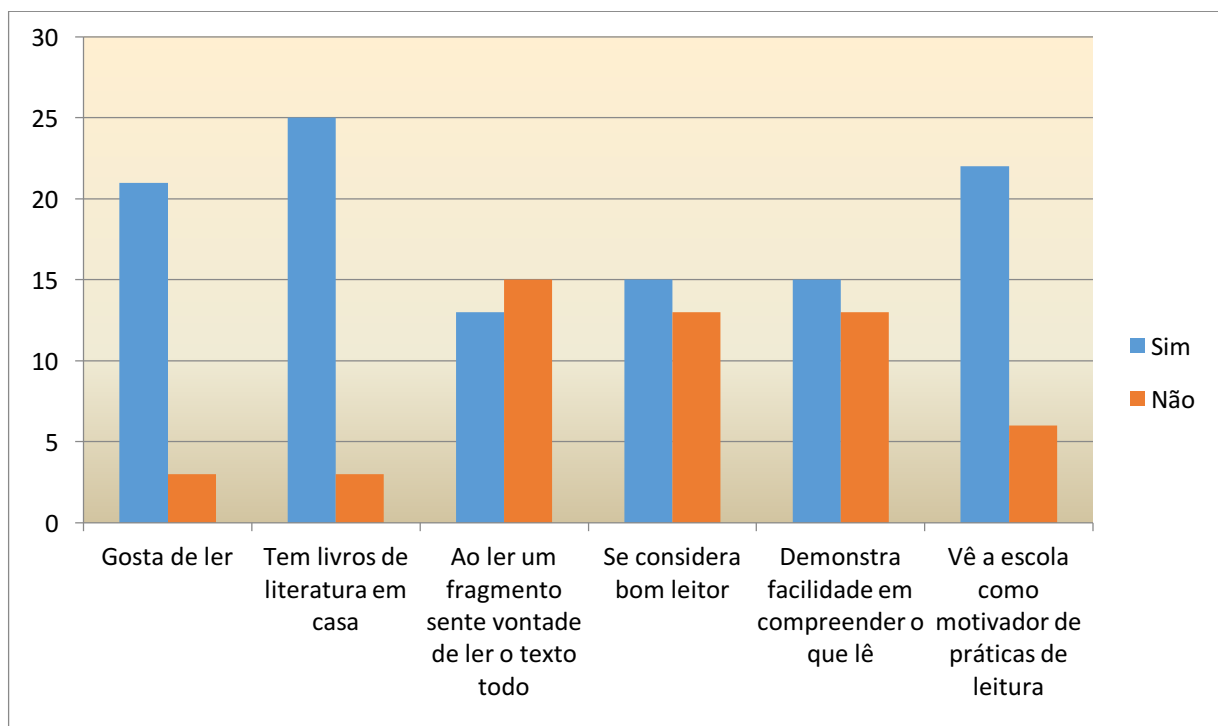


Figura 1 - Questões com duas opções de respostas

As leituras destes gráficos permitem inferir num saldo bastante positivo que 75% dos entrevistados gostam de ler; 89% têm livros de literatura em casa e 79% acreditam que a escola consiga ser um bom motivador de práticas de leitura. Neste sentido, nestes três primeiros itens avaliados percebe-se um avanço no que se refere à importância da leitura no contexto de mundo globalizado em que estamos vivendo, onde cada vez é mais valorizada a necessidade da velocidade, da descontinuidade e verifica-se uma massificação crescente e aguda dos meios tecnológicos, tem-se então, a comprovação de que muitos estudantes realizam práticas de leitura, sendo estas importantíssimas medidas para capacitá-los como cidadão críticos e atuantes na sociedade que almejamos.

Também satisfatoriamente 54% dos entrevistados se consideram bons leitores e demonstram facilidade para compreender o que leem, contrastando com estas respostas somente um dos itens presente neste primeiro gráfico apresenta um percentual negativo. Assim verifica-se que 54% dos entrevistados não demonstram interesse de ler na íntegra o fragmento de texto que aparece em seu livro didático.

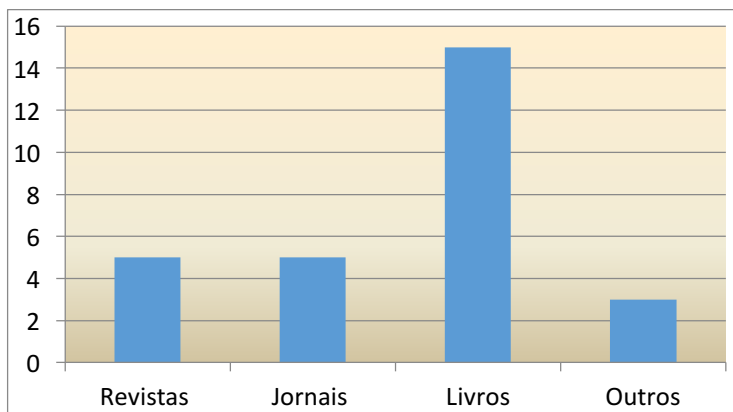


Figura 2- Tipo de leitura mais apreciado

Com relação ao tipo de leitura mais apreciado, verifica-se que 54% preferem livros; 18% preferem igualmente jornais e revistas e 10% preferem outro tipo de leitura. Torna-se necessário informar que neste item a intenção era somente verificar a preferência pelo suporte utilizado para a prática de leitura, independentemente de ser leitura informativa, didática, científica entre outras.

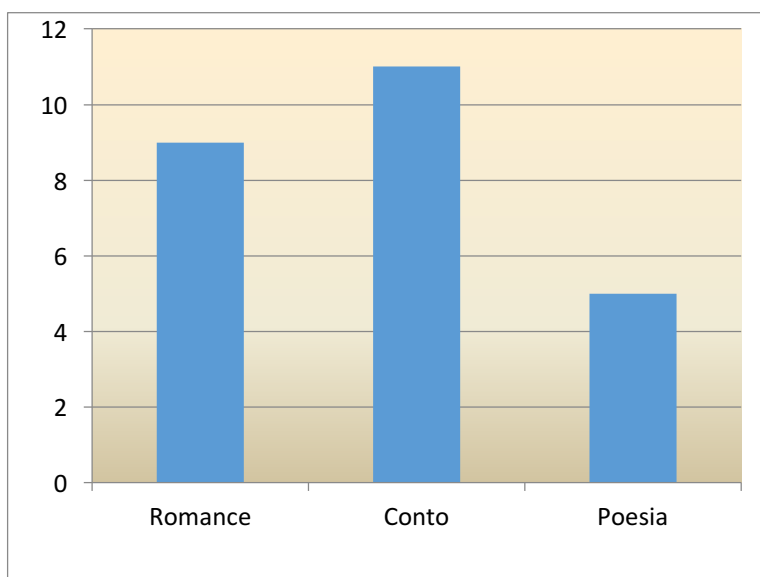


Figura 3- Gênero literário mais apreciado

No que se refere ao gênero literário, obteve-se os seguintes percentuais: 39% preferem o conto; 32% o romance, 18% a poesia e 11% que não contam no gráfico se abstiveram ou não quiseram responder. Pode-se inferir que a preferência pelo conto se justifique por este gênero literário apresentar segundo Cortázar (1974), “a estrutura baseada na intensidade e na tensão conseguindo o sequestro momentâneo do leitor”, ou seja, é uma leitura prazerosa e rápida que não demanda muito tempo por parte do leitor. E a baixa preferência pela poesia talvez possa ser

explicado por este gênero literário ativar a subjetividade, deste modo, a poesia utiliza recursos semânticos, morfossintáticos, fônicos e imagísticos que não são tão bem explorados no contexto escolar, além de muitos alunos a considerarem como gênero exclusivamente feminino.

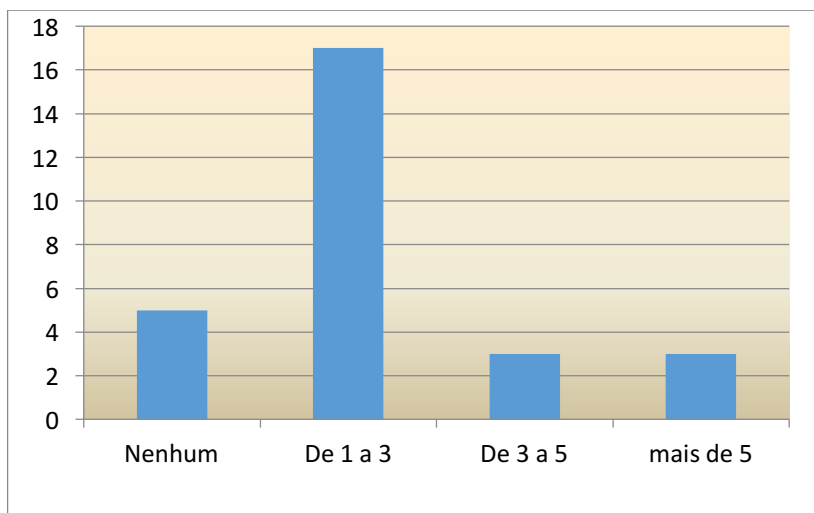


Figura 4- Quantidade de livros lidos durante o ano

Com relação a este item, 60% dos entrevistados declararam terem lido de 1 a 3 livros durante o ano; 18% que não haviam lido nenhum livro e 11% afirmaram que leram de 3 a 5 livros como também 11% afirmaram que leram mais de 5 livros durante o ano. Neste momento o interesse é somente pela quantidade de livros lidos, independentes de serem literários ou não. O que se verifica somando o percentual de alunos leitores, sem considerar a quantidade de livros lidos, tem-se um total de 75% de leitores e infelizmente ainda há 25% deste total entrevistado que não apresentam o hábito de lerem livros.

Mas também esta não participação de leitura de livros pode ser explicada pelo acesso ao livro, pois há de se considerar que para muitos alunos chegarem até o livro, eles precisam vencer uma série de barreiras e dificuldades geradas pela própria engrenagem do sistema. Assim, para muitos estudantes, o livro didático ainda é o único meio de acesso à leitura escolar e literária.

No tocante às 03 (três) questões discursivas, proposta no mesmo questionário apresentado aos alunos, para mensurar as respostas dadas, preferiu-se também apresentá-las através de percentuais, considerando nestas questões somente o percentual mais alto objetivando assim, uma visualização melhor dos dados obtidos. Neste sentido na questão: *a literatura é importante para você*, 79%

dos alunos entrevistados consideraram que sim, e dentre as justificativas dadas, selecionou-se algumas para a transcrição.

1-Sim! Pois nela posso aprender muito e melhorar o meu conhecimento sobre os assuntos, ajuda a desenvolver o pensamento e o modo de perceber algo.

2-Sim, além de ajudar nas dificuldades com a interpretação, é uma fonte rica de aprendizagem.

3-Sim. A leitura aumenta o vocabulário e também é prazeroso para quem ama ler.

4-Sim porque ela me traz tranquilidade.

5-Sim, no entanto a complexidade de textos clássicos e falta de tempo impedem esta prática.

Figura 5 *Transcrições de algumas respostas da questão: “A leitura é importante para você?”*

Através destas transcrições, que foram selecionadas a partir da incidência de respostas parecidas, pode-se notar que para a grande maioria, a leitura é realmente importante, assim, associam sua importância principalmente para a aquisição de novos conhecimentos, mas também assumem que os textos clássicos, considerados complexos por estes alunos e que fazem parte das leituras destinadas para o ensino médio são difíceis de ler e compreender. Neste aspecto pode-se remeter novamente para a questão já citada anteriormente da falta de maturidade do leitor do Ensino Médio, maturidade esta em decorrência em grande parte do despreparo deste leitor nas séries anteriores.

Assim, há uma contradição, porque mesmo conscientes da importância da leitura, muitos alunos não leem porque consideram a compreensão dos textos complexos.

Com relação à segunda questão discursiva que fez a seguinte indagação: *você se sente motivado para participar das aulas de literatura*, obteve-se como resultado um total de 50% dos entrevistados afirmando que não; 39,5% afirmando que sim e 10,5% se abstiveram. Dentre as justificativas dos alunos que responderam que não se sentem motivados a participarem das aulas de literatura, têm-se as seguintes respostas em sua grande maioria:

- 1- Não, muito, porque nem sempre essas aulas atendem as nossas necessidades ou nunca acompanhamos o ritmo delas.
- 2-Não. Acho que na sala de aula, a leitura se torna algo monótono.
- 3-Não, pois às vezes a comprieção não é tão fácil.
- 4-Não. Apesar de gosta de leitura não gosto pois os professores não trazem o tema que o alunos gosta e prolongam a aula deixando muito cansativa.
- 5-Não. Porque não gosto muito de ler.

Figura 6 - Transcrição de algumas respostas da questão: "Você se sente motivado para participar das aulas de literatura?"

Neste sentido, o que se percebe nestas análises é um descompasso entre a leitura literária canônica e o gosto pela leitura, pois se 75% destes jovens afirmam que gostam de ler e num outro quesito 79% afirmaram que consideram a leitura importante, tem-se um percentual elevado que não se sente motivado a participar das aulas de literatura. Como um fator provável pode-se inferir que a metodologia empregada às vezes não consegue despertar esta motivação nos alunos, pois sabe-se que muitas vezes valoriza-se mais a história literária, fatos, datas e biografias do que o texto literário em si. Assim, a linguagem, a intertextualidade e a dialogia texto-leitor se perde e como alguns alunos justificaram em suas respostas, a leitura se torna monótona, cansativa e não atende às expectativas e anseios destes alunos.

Acredita-se que para motivar os alunos a participarem mais nas aulas de literatura, a utilização de recursos como a música, o cinema, televisão, pintura, teatro, CDs, leitura de textos contemporâneos e outras expressões artísticas podem aproximar estes sujeitos das práticas de leitura, além de dar voz e de estabelecer o clima de amizade, respeito, liberdade de escolha e de expressão a estes alunos, para que os mesmos possam debater e aprofundar seus conhecimentos a partir da troca e não somente a partir do discurso do professor.

Sobre a última questão: *o que você entende por leitor proficiente*, 39,5% dos alunos responderam que não conhecem esta expressão; 18% dos alunos souberam responder e 43% não responderam. O índice de participação nesta questão foi muito baixo e dentre os alunos que souberam, obtiveram-se as seguintes respostas:

<p>Uma boa compreensão de um texto. É um leitor que aproveita a leitura, que entende e que gosta dela. Talvez seja aquele que lê de tudo, que gosta de ler e que lê muito bem.</p>
--

Figura 7 - Transcrição de algumas respostas da questão: O que você entende por leitor *proficiente*?

A escolha de termo *proficiente* foi intencional, haja vista que poderia ter sido usada uma expressão correlata, mas o objetivo foi verificar se esta expressão faz parte do universo linguístico destes alunos e pelos dados apresentados comprovou-se que não. Porque há um discurso sobre a importância da formação de leitores, de se desenvolver a capacidade leitora para que, estes mesmos leitores sejam capazes de atuar na sociedade em que vivem, porém destes 54% de alunos que se consideram bons leitores, somente 18% souberam o significado do termo em questão. Desta maneira, pode-se inferir que estes 18%, mesmo sendo um percentual baixo, podem ser realmente aqueles que adquiriam a capacidade crítica, que nós professores tanto almejamos desenvolver em nossos alunos, e assim, estes conseguem ver os implícitos nos textos se posicionar diante do que foi lido e extrapolar, indo além do texto. Porque quando se fala em formação de leitores, não se pretende apenas dizer aprender a ler ou decifrar o código escrito, pretende-se formar o leitor crítico que reconheça o contexto sócio-político através e nos textos lidos, assumindo assim, uma postura autônoma e consciente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Espera-se que este trabalho possa de alguma maneira contribuir para uma compreensão das relações estabelecidas entre a literatura e o homem dos novos tempos. Entendendo a instituição escolar como o principal espaço de formação de leitores e de cidadania e, sobretudo, para a ressignificação das práticas cotidianas em sala de aula no que diz respeito ao ensino de leitura da literatura.

Sabe-se que prática de leitura se caracteriza como um dos processos que possibilita a participação do homem na vida em sociedade, em termos de compreensão do presente e do passado e principalmente em termos de possibilidades de transformação sociocultural futura. E por ser um instrumento de aquisição, transformação e produção de conhecimento, se for efetivamente utilizada

de forma crítica e reflexiva dentro ou fora do contexto escolar constitui-se como importantíssimo elemento contra a alienação.

A leitura é fundamentalmente uma prática social, que possibilita uma infinidade de propósitos, sendo assim, pode-se afirmar que ler é resposta a um objetivo, a uma necessidade pessoal.

Dentro deste enfoque, o ato de ler se refere tanto a algo escrito, quanto a outros tipos de expressão do fazer humano, caracterizando-se também como um acontecimento histórico e estabelecendo uma relação igualmente histórica entre o leitor e o que é lido, resultando na dialogia, que como enfatiza Bakhtin (1992), é a interação entre o leitor com o texto através de suas experiências, ou seja, seu conhecimento de mundo.

No contexto escolar, a questão da formação do leitor, longe de ser específica de determinada série, a leitura de textos literários geralmente funciona como um pretexto de escolarização, sendo que o objetivo de leitura proposto se caracteriza por ser mais informativa do que formativa, deixando uma lacuna na formação destes alunos, ao não os considerar como sujeitos leitores.

De modo, que cabe ao professor, neste processo desempenhar a importantíssima tarefa de ser o mediador, o grande incentivador no sentido de mostrar para os alunos que ler pode e é uma aventura maravilhosa.

Em suma, o professor precisa orientar-se e orientar seus alunos de que a leitura é tudo aquilo que podemos compreender e atribuir significados. Assim, podem-se ler livros, reportagens de revistas, jornais, como também pinturas, esculturas, pessoas, situações. E seja ela qual for estará presente na vida de todos nós, pois a leitura é um processo contínuo, que como afirma Martins (1982), inicia-se logo nos nossos primeiros contatos com o mundo ao nosso redor. Deste modo, o ato de ler deve ser visto como indagação, compreensão, produção e criação, não como reprodução, o que infelizmente ainda acontece em muitas escolas. Neste sentido, para as práticas de leitura se constituam plenamente, precisa-se dar espaço para os debates, para as trocas de impressões e de opiniões. Só assim se pode formar o leitor crítico, que conhece o arsenal literário e sabe posicionar-se a partir das situações lidas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Josélia da Silva. *Leitura e ensino, sociedade e literatura: vários problemas e uma proposta*. Dissertação de Mestrado em Teoria da Literatura defendida na Universidade de Brasília em 1999.

ANTUNES, Irandé. *Aula de Português: encontro & interação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1992.

BARROSO, Maria Veralice. *A leitura da literatura no contexto da globalização: uma reflexão acerca do ensino crítico de literatura nas escolas públicas do Distrito Federal*. Dissertação de Mestrado em Teoria da Literatura defendida na Universidade de Brasília em 2006.

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. *Orientações curriculares para o ensino médio - "Linguagens, Códigos e suas Tecnologias."* Volume 1. Brasília: Ministério da Educação, 2006.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Terceiro e quarto ciclo do ensino fundamental. Língua Portuguesa*. Brasília, 1998.

CORTÁZAR, Júlio. *"Alguns aspectos do conto"*. *Valise de cronópio*. São Paulo: Perspectiva, 1974.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Mini Aurélio século XXI escolar: O Mini Dicionário da língua portuguesa*. 4ª edição revista e ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Mini Aurélio século XXI escolar: O Minidicionário da língua portuguesa*. 4ª edição revista e ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*. 22ª edição. São Paulo: Cortez, 1988.

LAJOLO, Marisa. *Do Mundo da Leitura para a Leitura do Mundo*. 6ª edição. São Paulo: Editora Ática, 2006.

PROFA. Programa de Formação de Professores Alfabetizadores. Coletânea de Textos. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. Módulos 2 e 3. Brasília, 2002.

MACHADO, Augusto de Freitas. *Leitura literária: elemento de constituição de um indivíduo autônomo*. Dissertação de Mestrado em Teoria da Literatura defendida na Universidade de Brasília em 2007.

MARTINS, Maria Helena. *O que é leitura*. 13ª edição. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982.

SILVA, Jadyane Pereira da. *O sujeito - leitor nos PCNs*. Dissertação de mestrado em Teoria Literária defendida na Universidade de Brasília em 2004.

SILVA, Ezequiel T. da. *Criticidade e leitura: ensaios*. Campinas, São Paulo: Martins Fontes, 1998.

TINOCO, Robson Coelho. In: *Literatura e Sociedade: (Des) Conexões Contemporâneas*. Revista Cerrados. Publicação do Departamento de Teoria Literária e Literaturas, organizado por Sylvia Helena Cyntrão; ano 15, n. 21. Brasília, 2006.